

R Floresta é o Nome do Mundo

FLORESTA É O NOME DO MUNDO

por Prof. Dr. Edgar Indalecio Smaniotto

(membro do CLFC)

LE GUIN, Ursula K. **Floresta é o nome do mundo**. Portugal: Edições Europa-América, [s.d].

O livro *Floresta é o nome do mundo* (The Word for World is Forest – 1972), de Ursula K. Le Guin é o relato da resistência de uma cultura nativa alienígena pacífica, os athsheanos, contra os umenos (humanos terrestres) colonizadores e guerreiros.

A história passa-se em um planeta colonizado por seres humanos, há 27 anos luz da Terra, os colonos estabelecem contato com aeronaves humanas somente a cada quatro anos e por rádio (neste universo não existe viagem na velocidade da luz). Os humanos (chamados de umenos) consideram os nativos como semi-inteligentes (comparando-os com macacos e outros primatas terrestres). Os nativos athsheanos são chamados pelos humanos de “critur”, ou seja, criaturas. O planeta é denominado de Novo Taiti, devido a sua paisagem coberta de florestas.

Os critur são descritos da seguinte forma:

a coisa mais próxima que se desenvolvera a partir da linha do macaco para os substituir era o critur, com um metro de altura e o corpo coberto de pelagem verde (p. 14).

Estes seres são panteístas biológicos, pois estão ligados biologicamente a seu planeta, às árvores,



que formam uma espécie de mente coletiva entre a natureza do planeta e os critur. *Floresta é o nome do mundo* foi agraciada com os prêmios Hugo e Locus de melhor novela em 1973, sendo parte do *Ciclo de Hainish*, um universo ficcional criado por Ursula K. Le Guin, em que os Hainish colonizam uma pequena parte da Via Láctea. A primeira colônia dos Hainish foi a Terra.

Por terem naves que viajam apenas próximo

à velocidade da luz, os Hainish foram perdendo contato com os mundos colonizados, assim todos os alienígenas (inclusive humanos) são descendentes dos Hainish adaptados ao seu ambiente (pantropia). No livro é também levantada a hipótese de que os *critur* possam ser descendentes de antigos colonizadores de Atlântida.

Pantropia é uma palavra criada pelo escritor de ficção científica James Blish, este conceito pode ser descrito como uma adaptação dos seres humanos a diferentes ambientais planetários, uma alternativa à adaptação de planetas alienígenas aos humanos (terraformação). Blish trabalha o conceito na série *The Seedling Stars*.

A colonização humana se firma economicamente na exploração da madeira, exportada para a Terra, madeira retirada de forma tão predatória que uma das ilhas dominadas pelos humanos passa a ser chamada de Ilha do Entulho (por já estar toda destruída), sendo a madeira o principal recurso do planeta:

Novo Taiti era essencialmente água, mares tépidos e pouco profundos interrompidos aqui e além por recifes, ilhotas, arquipélagos e as cinco grandes Terras que se estendiam ao longo de um arco de 2500 quilômetros ao longo de Quartosfera de Noroeste. E todos aqueles salpicos e borões de terra estavam cobertos de árvores. Oceano, florestas. Eram essas as alternativas em Novo Taiti. Água e luz do sol ou escuridão e folhagem (p. 13-14).

A colonização segue sem maiores complicações para os humanos, que paulatinamente vão destruindo suas florestas, sem nenhuma resistência dos *critur*, uma espécie não violenta, que sequer desenvolveu este conceito. Os *critur* resolvem suas desavenças através de um ritual de canto.

Entretanto, o chefe militar dos colonos terrestres estupra e mata uma mulher *critur* (era comum que homens terrestres fizessem uso sexual de mulheres *critur*, devido à falta de mulheres humanas, o próprio livro começa com a entrega de um ‘carregamento de mulheres humanas’ em Novo Taiti). O companheiro da mulher, o *critur* Selver, responde com violência à afronta e chega a matar alguns hu-

manos, algo inédito na cultura *critur*.

Os *critur* têm sonhos lúcidos (algo parecido com o que denominamos viagem astral), e Selver passa a ser considerado um deus sonhador (por ensinar um novo tipo de sonho a sua espécie – o sonho da morte e violência). O novo tipo de sonho passa a ser retransmitido para todas as comunidades *critur* por mensageiras sonhadoras.

Inicia-se então uma revolta contra os humanos, com Selver comandando os *critur* e o capitão Davidson os humanos. Outro personagem importante na obra é o antropólogo Lyubov. É possível identificar nos *critur* os nativos americanos colonizados pelos europeus, e o antagonismo entre o misticismo/natureza/pacifismo frente à tecnologia/civilização/violência, a novela tem assim certa concepção filosófica que lembra o filósofo Rousseau e seu ‘bom selvagem’.

Segundo alguns críticos, *Floresta é o nome do mundo* foi uma das obras que influenciou o roteiro do filme *Avatar* de James Cameron (2009), pela apresentação dos nativos e da colonização humana. Para além desta possível comparação, *Floresta é o nome do mundo* vale a pena ser lido. É um ótimo livro, independente de ter sido ou não fonte de inspiração para *Avatar* (2009). Boa Leitura!

Para citação:

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. Resenha “Floresta é o nome do mundo”. Revista Somnium, nº 109. Clube de Leitores de Ficção Científica: Julho de 2014. p. 77-78.

Prof. Dr. Edgar Indalecio Smaniotto, filósofo, mestre e doutor em Ciências Sociais. Foi resenhista das revistas *Scarium Magazine* e *Macrocósmo.com*. Pesquisador acadêmico com diversos textos publicados sobre literatura especulativa. Membro da Associação Brasileira de Antropologia – ABA; da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC; da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial – ASPAS e do Centro de Educação Transdisciplinar - CETRANS. E-mail: edgarsmaniotto@gmail.com